

A MODALIZAÇÃO DEÔNTICA NO GÊNERO ENTREVISTA DE EMPREGO: ESTRATÉGIA SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVA

THE DEONTIC MODALIZATION IN THE JOB INTERVIEW GENRE: SEMANTIC-ARGUMENTATIVE STRATEGY

Francisca Janete da Silva Adelino¹
Erivaldo Pereira do Nascimento²

Resumo: *Este trabalho analisa o funcionamento semântico-argumentativo da modalização deôntica na construção do gênero entrevista de seleção de emprego. Intentamos saber (i) quais recursos linguísticos instauram a modalização deôntica em entrevistas de seleção de emprego; e (ii) como esses modalizadores funcionam estrategicamente para gerar orientação argumentativa durante o processo interativo. Para isso, lançamos mão dos pressupostos da semântica argumentativa, em diálogo com os estudos da modalização desenvolvidos por Castilho e Castilho (2002), Neves (2011), Nascimento (2010), Nascimento e Silva (2012), entre outros. A investigação assume uma abordagem qualitativa e um caráter descritivo de base interpretativa, já que identificamos e interpretamos os modalizadores deônticos presentes no gênero entrevista de seleção de emprego, atentando para o seu funcionamento argumentativo. O corpus é constituído por vinte e duas entrevistas de seleção de emprego gravadas, coletadas em um Centro Universitário localizado em Natal-RN. As análises revelam que, durante o processo interativo, entrevistadores e entrevistados fazem uso de quatro tipos de modalizadores deônticos: deôntico de obrigatoriedade, deôntico de possibilidade, deôntico de proibição e deôntico volitivo. Ademais, os interlocutores constroem pontos de vista, crenças e pensamentos que compõem o ambiente social do qual fazem parte. Cada modalizador deôntico compreende uma orientação argumentativa e apresenta nuances axiológicas que variam de acordo com o posicionamento ocupado pelo locutor. Tal orientação compõe a teia argumentativa que constitui o gênero entrevista de seleção de emprego.*

Palavras-Chave: *Modalização; Argumentação; Entrevista de seleção de emprego.*

Abstract: *This article analyzes how the semantic-argumentative of deontic modalization works, in the construction job selection interview genre. We intend to know (i) what linguistic resources introduce deontic modalization in the job selection interview genre and (ii) how these modalizers strategically works to create argumentative orientation during the interactive process. In this sense, we use the theoretical assumptions of the argumentative semantics, in dialogue with the studies of the modalization phenomenon developed by Castilho & Castilho (2002), Neves (2011), Nascimento (2010) and Nascimento & Silva (2012), among others. It is a qualitative and descriptive investigation with an interpretative analysis, because we identify and interpret the use of deontic modalizers in the job selection interviews, observing their argumentative function. The corpus consists of twenty-two job interviews that was recorded and collected in a University Center from Natal-RN. The analyses demonstrate that, during the interactive process, interviewer and respondents use four kinds of deontic modalizers: deontic of obligation, deontic of possibility, deontic of prohibition and volitional deontic. Besides that, the interlocutors introduce points of view, beliefs and thoughts that assemble their social environment. Each deontic modalizer creates an argumentative orientation and presents some axiological aspects that varies according to the locutor's role. Such orientation composes an argumentative web that forms the job selection interview genre.*

Keywords: *Modalization; Argumentation; Job selection Interview.*

¹ Docente do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), *Campus IV – Mamanguape*, PB. Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Brasil, e-mail: janete_adelino@hotmail.com

² Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), *Campus IV – Mamanguape*, PB. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Brasil, e-mail: erypn@hotmail.com

1 Introdução

No âmbito dos estudos da linguagem, os postulados de Ducrot (1981; 1987; 1988) trouxeram uma nova perspectiva no que diz respeito às concepções de língua e de sentido, negando a ideia de que a língua tem primeiramente uma função referencial e que o sentido do enunciado se julgue em termos de verdade ou falsidade. Comungando com essa perspectiva, a presente pesquisa vem contribuir com os estudos da linguagem que tomam os discursos levando em conta seus espaços de produção, mais precisamente, com pesquisas que abordam o funcionamento argumentativo de textos falados, principalmente, no âmbito empresarial. Além disso, esta pesquisa se filia aos trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT). E contribui com o fortalecimento dos trabalhos empreendidos sobre argumentação em diferentes gêneros discursivos.

Assim, este trabalho analisa a modalização deôntica como recurso instaurador da argumentatividade no gênero entrevista de seleção de emprego. De modo mais específico, intentamos saber (i) quais recursos linguísticos instauram a modalização deôntica na construção das entrevistas de seleção de emprego; e (ii) como esses modalizadores funcionam estrategicamente na construção argumentativa na interação entre os participantes da entrevista (entrevistador (L1) e entrevistado (L2)). As entrevistas examinadas fazem parte do universo empresarial e são utilizadas, principalmente, por profissionais da área de Recursos Humanos para aprofundar questões relacionadas às competências e habilidades de candidatos à vaga de emprego, em processos de recrutamento e seleção de pessoal, conforme comenta Adelino (2016).

A investigação mobiliza os pressupostos teóricos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), em diálogo com os estudos da modalização desenvolvidos por Castilho e Castilho (2002), Neves (2011), Nascimento (2010), Nascimento e Silva (2012), entre outros. Tais estudos têm servido de base para ancorar diversas investigações cujo propósito é discutir a argumentação como fator essencial para a compreensão do sentido do enunciado. Algumas dessas investigações, depositadas no campo da Linguística, têm contribuído principalmente para ampliar o entendimento a respeito do funcionamento da língua não apenas como estrutura, mas também enquanto prática social de interação verbal e, portanto, procura estudar como o falante usa a língua interativamente nas mais diversas esferas sociais.

Ducrot (1988) e colaboradores defendem que a argumentação está inscrita na língua e encontra-se marcada nas escolhas linguísticas que o locutor faz ao apresentar um enunciado. A grande importância dessa teoria para o desenvolvimento dos estudos linguísticos está em

colocar a língua no centro da questão argumentativa, ou seja, a argumentação não deriva de condições de verdade, e sim está inscrita na própria língua. E a língua, por sua vez, oferece ao usuário uma infinidade de possibilidades de construção e também uma série de limitações de uso.

Os estudos sobre a argumentação na língua recebem o adendo de Espíndola (2004, p. 13) que, ao analisar a TAL, reescreve a tese original de Ducrot e colaboradores e afirma que não apenas a língua é argumentativa, mas que “[...] língua e uso são fundamentalmente argumentativos”. Em outras palavras, a língua deve ser estudada considerando não só a sua estrutura, mas também o seu uso e ambos são, por natureza, argumentativos.

Em diálogo com essas discussões, a seguir, retomaremos alguns conceitos acerca da modalização, focando principalmente os tipos de modalização deôntica. Na sequência, após apresentarmos os aspectos metodológicos da pesquisa, analisaremos os dados coletados do *corpus* e discutiremos os resultados alcançados. Por fim, apresentaremos algumas considerações sobre os resultados obtidos.

2 Modalização/modalidade: tipos e graus

Ao discorrermos sobre a modalização³ ou modalidade, é pertinente reconhecermos que esse não é um conceito estritamente linguístico, pois inicialmente tal conceito foi arquitetado pelos lógicos, tornando-se, portanto, o fundamento da lógica modal, segundo Cervoni (1989). O autor acrescenta que os gramáticos da Idade Média já analisavam os enunciados fazendo a distinção entre *modus* e *dictum*, uma concepção vinda dos gregos por meio dos latinos.

Assim, os estudos linguísticos da modalização estão vinculados aos estudos lógicos. Portanto, o conceito de modalidade não é novo e nem exclusivo da linguística. Além disso, existe um entendimento diversificado quanto a essa noção, o que exige de nós certa cautela ao percorrermos os escritos que versam sobre esse assunto.

A lógica clássica é apontada por estudiosos da modalidade como a primeira área a utilizar tal noção, isso em termos históricos. É entre os gregos que temos o primeiro registro de uma concepção de modalidade (CERVONI, 1989). No entanto, esse termo também é mobilizado pelos linguistas, mais precisamente – mas não exclusivamente – pelos estudiosos do campo da semântica argumentativa. Cervoni (1989, p. 54) registra que “[...] é preciso

³Os termos *modalização* ou *modalidade* serão usados indistintamente, como sinônimos, por concordarmos com Castilho e Castilho (2002) e com Nascimento (2009) de que há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o que e como deseja verbalizar.

lembrar que o conceito de modalidade pertence tanto aos linguistas quanto aos lógicos, mas que os lógicos foram os primeiros a elaborá-lo e que ele permanece um de seus conceitos fundamentais”.

Em sua proposta de estudo, Cervoni (1989) postula que tal conceito assume, na linguística, características próprias, uma vez que os estudos linguísticos vão se preocupar com os aspectos sintáticos, morfológicos, fonológicos, semânticos e pragmáticos do uso da modalidade.

Nascimento (2009) conceitua a modalização ou modalidade como uma estratégia argumentativa⁴ que permite ao locutor, responsável pelo discurso, imprimir no enunciado uma avaliação ou ponto de vista sobre o conteúdo de sua enunciação ou sobre a própria enunciação. Essa concepção do fenômeno da modalização é desenvolvida por outros estudiosos da área, entre os quais Castilho e Castilho (2002), Koch (2011) e o próprio Nascimento (2005), que têm uma concepção mais semântico-discursiva ou semântico-pragmática a respeito do fenômeno.

Ao analisar o funcionamento dos advérbios modalizadores como recursos que marcam as expectativas do locutor sobre o conteúdo da proposição, Castilho e Castilho (2002) organizaram um quadro com três tipos de modalização: modalização epistêmica; modalização deôntica e modalização afetiva. Algumas dessas se desdobram em subcategorias, como a modalização deôntica que veremos no decorrer desta discussão.

Por sua vez, Neves (2011, p. 159) retoma as noções de “necessidade” e “possibilidade” que estão na base das modalidades para dizer que essas noções “se resolvem em subcategorias modais (alética/epistêmica/deôntica/bulomaica/disposicional)”. Ao reconhecer a diversidade de tipos de modalidades existentes nos mais diversos trabalhos da área de linguística, Neves (2011, p. 162) entende que elas podem ser resumidas “[...] na distinção genética entre modalidade epistêmica e não-epistêmica (de raiz: deôntica e dinâmica)”. Assim, a autora mostra que os estudiosos da área apresentam distinções quanto à bipartição entre as modalidades.

Dito isso, levando em conta o objetivo deste trabalho, faremos, a seguir, uma resenha de alguns dos principais conceitos da modalização deôntica.

⁴A noção de argumentação que trabalhamos é a perspectiva de Ducrot e colaboradores (1988) segundo a qual a língua é por natureza argumentativa, juntamente com o acréscimo proposto por Espíndola (2004) no qual a autora afirma que não só a língua é por natureza argumentativa, como também o uso que dela fazemos nas nossas interações sociais.

3 Modalização Deôntica

A modalização deôntica se dá no eixo da conduta e, nele, o locutor expressa uma avaliação sobre o caráter facultativo, proibitivo, volitivo ou de obrigatoriedade. Lyons (1977, p. 823) afirma que a modalidade deôntica está relacionada com a necessidade ou a possibilidade de atos realizados por sujeitos moralmente responsáveis. Desse modo, se determinado locutor reconhece ser obrigado a executar uma ação é porque existe alguém ou alguma coisa que o faz reconhecer determinada autoridade. Essa autoridade pode ser uma pessoa ou instituição. Conforme Lyons (1977), os valores deônticos, portanto, emanam de uma fonte e recaem sobre um alvo.

A respeito dessa modalidade, Palmer (2001) apresenta dois tipos: o diretivo e o comissivo. O comissivo revela uma promessa ou ameaça feita pelo falante. O diretivo é marcado quando o falante chama a atenção de alguém ou tenta convencê-lo a fazer algo. O autor postula ainda que a expressão de desejo ou volição encontra-se abrigada também na modalidade deôntica.

De acordo com Castilho e Castilho (2002, p. 236), “a modalização deôntica (de dever) considerada amplamente compreende a obrigação, proibição, permissão e a volição”. Apesar de considerar que a modalização deôntica implica essas quatro noções, Castilho e Castilho (2002) discutem apenas os deônticos de obrigatoriedade. Os demais tipos (proibição, permissão e volição) não são aprofundados por estes estudiosos.

Para exemplificar a ocorrência da modalização deôntica de obrigatoriedade, Castilho e Castilho (2002) analisam o seguinte exemplo: *toda e qualquer cirurgia... no campo médico... [...] implica **obrigatoriamente** em despesas*. Nesse exemplo, o conteúdo proposicional é expresso como uma obrigação, “como algo que necessariamente tem de acontecer” (CASTILHO & CASTILHO, 2002, p. 203). Os mesmos autores assinalam que a modalização deôntica corresponde à função desiderativa da linguagem, decorrendo disso a noção de futuridade que acompanha essa modalização.

Na mesma linha de raciocínio, Neves (2011) conceitua a modalidade deôntica como aquela relacionada com obrigações e permissões. Para esta estudiosa, “uma proposição p é obrigatória se não é permitido que p' e é permitida se não é obrigatório que p ” (NEVES, 2011, p. 160). Sobre as condições dessa modalidade, é dito que, por um lado, ela está condicionada por traços lexicais específicos por parte do falante e, por outro lado, necessita de que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para que tal modalidade seja executada.

Nessa mesma perspectiva, Koch (2011, p. 75) nos diz que as “modalidades deônticas referem-se ao eixo da conduta, isto é, à linguagem das normas, àquilo que se deve fazer”. Para essa autora, os modos deônticos referem-se, também, a conceitos que constituem sua fase subjetiva, a saber, disposições do sentimento, no caso dos valores, disposições normativas, no caso dos imperativos.

Para derivar as modalidades deônticas (assim como as demais), é necessário apelar para as informações contextuais, ou seja, aos contextos pragmáticos. Segundo a mesma autora, no “eixo deôntico, revela-se a força ilocucionária (por ex., quem ordena cria obrigações para o outro): tem-se, aí, a semântica dos atos de linguagem” (KOCH, 2011, p. 83).

Nascimento e Silva (2012) mostram que os quatro eixos da modalidade deôntica, a saber, o obrigatório, o permitido, o facultativo e o proibido, sinalizam para algo que vai muito além da simples obrigatoriedade. De modo que tais modalizadores podem expressar desejo ou vontade, proibição, possibilidade, muito embora grande parte dos estudos sobre esta temática ainda persistem em tratar deste tipo de modalidade como aquele utilizado para expressar somente obrigatoriedade e, às vezes permissão (NASCIMENTO, 2010).

Em estreito diálogo com estudos de Neves (2011) e Cervoni (1989), Nascimento e Silva (2012, p. 84) ampliam a discussão sobre os deônticos de obrigatoriedade, de proibição, de possibilidade e volitiva. Vale salientar que Castilho e Castilho (2002), conforme citado anteriormente, já haviam apresentado esses modalizadores concernentes ao verbo “dever”. No entanto, nas pesquisas de Nascimento (2005; 2010) e de Nascimento e Silva (2012) esses conceitos foram revisitados.

A modalização *deôntica de obrigatoriedade*, para Nascimento e Silva (2012), ocorre quando o conteúdo do enunciado representa algo que deve ocorrer obrigatoriamente, e que o provável interlocutor deve obedecer a esse conteúdo. Para exemplificar essa ocorrência, os autores analisam o seguinte exemplo: *É obrigatório que você faça a tarefa de casa*. Nesse exemplo usado por Nascimento e Silva (2012), verifica-se que o locutor expressa uma obrigatoriedade por parte do interlocutor de realizar a tarefa de casa, ou seja, o interlocutor é obrigado a cumprir com a ordem impressa pelo enunciado.

A modalização *deôntica de proibição* expressa o conteúdo como algo proibido e deve ser considerado como tal pelo provável interlocutor. Nascimento e Silva (2012) exemplificam essa ocorrência da seguinte forma: *Você não pode fumar nesse ambiente*. Nesse enunciado, o locutor expressa uma proibição ao interlocutor, deixando explícito um caráter de ordem de que naquele ambiente não é permitido fumar. Percebe-se que o locutor modaliza o discurso

porque imprime no enunciado um sentido de proibição a algo que não pode acontecer de forma alguma.

A modalização *deôntica de possibilidade* ocorre, conforme Nascimento e Silva (2012), quando o locutor responsável pelo enunciado expressa algo facultativo ou dá uma permissão, deixando, muitas vezes, a cargo do interlocutor a escolha em realizar o que lhe é pedido pelo conteúdo do enunciado. Os autores utilizam o seguinte exemplo para explicar esse modalizador: *Você **pode** entrar nessa sala.*

Percebemos nesse enunciado que o locutor dá uma permissão para que o conteúdo do enunciado ocorra. Segundo a análise de Nascimento e Silva (2012), a permissão emitida pelo locutor não garante que ele ocorrerá de fato, cabe ao interlocutor decidir se irá ou não entrar na sala. Dessa forma, o interlocutor tem a permissão para entrar no ambiente, e isso é facultativo.

A modalização *deôntica volitiva* expressa um desejo ou vontade do locutor. Neves (2011), ao discutir o fenômeno da modalização, apresenta a modalidade volitiva, afirmando que ela está relacionada com a necessidade e com a possibilidade no que se refere aos desejos do falante.

Para Nascimento e Silva (2012), no entanto, esse tipo de modalizador, além de deixar materializado, no enunciado, a vontade ou desejo do falante, pode funcionar como uma estratégia argumentativa-pragmática através da qual um locutor pode pedir ou solicitar a seu interlocutor que realize algo que deseja. Para exemplificar esta modalidade, os autores usam o seguinte exemplo: ***Eu gostaria que** você fosse comigo.*

A expressão, *eu gostaria que*, diz respeito à necessidade ou à possibilidade relacionadas ao desejo ou vontade do locutor de que o interlocutor realize algo. Conforme a análise realizada pelos autores, a modalização deôntica volitiva, por apresentar o conteúdo do enunciado como um desejo ou uma vontade pode funcionar como uma estratégia argumentativa bastante eficaz, já que preserva tanto a face do locutor como a do interlocutor.

Em síntese, na modalização deôntica o foco está no conteúdo da proposição em que o locutor o considera como algo obrigatório e que precisa ocorrer; como algo proibido que não pode acontecer; como algo facultativo e como uma vontade ou desejo do falante.

4 Aspectos metodológicos da pesquisa

Neste artigo apresentamos dados da nossa tese de doutorado, na qual trabalhamos com um *corpus* composto de 22 entrevistas de seleção de emprego gravadas em áudio durante o

processo de seleção de professores para os cursos técnicos de Logística, Radiologia e Vigilância em Saúde, em um Centro Universitário do Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal – RN. A transcrição do *corpus* foi realizada com base no projeto NURC-Brasil.

A nossa investigação assume uma abordagem qualitativa devido à natureza do trabalho, que é a identificação e interpretação dos modalizadores deônticos presentes no gênero entrevista de seleção de emprego. Assume, ainda, um caráter descritivo de base interpretativa, porque procuramos descrever o funcionamento argumentativo do fenômeno da modalização.

A fim de facilitar a leitura e a identificação dos modalizadores materializados, os trechos selecionados para análise estão destacados em *itálico*. E as formas modalizadoras, em *itálico* e negrito. Na análise, os recortes aparecem codificados. Essa codificação, realizada por ocasião da catalogação *do corpus* inclui o tipo de modalizador, a entrevista de seleção de emprego da qual extraímos o modalizador e as linhas transcritas da entrevista. Por exemplo, na codificação **MDO03 - EE01 - Linhas 21-31**, a sigla **MDO03** corresponde ao Modalizador Deôntico de Obrigatoriedade 03. Essa numeração – 03 – corresponde à sequência dos modalizadores encontrados e tabulados no *corpus* da pesquisa original. Já a sigla **EE01** corresponde à Entrevista de Seleção de Emprego 01, conforme a ordem atribuída a cada entrevista coletada. E **Linhas 21-31** diz respeito às linhas da entrevista transcrita. Por sua vez, o nome do Centro Universitário no qual realizamos a coleta do nosso *corpus* não será revelado, tendo em vista o compromisso que assumimos junto ao Conselho de Ética. Assim, usaremos o nome fictício denominado de *Unixy*.

Ainda, quanto ao *corpus*, a entrevista de seleção de emprego é um gênero discursivo oral, produzido com mais frequência no universo empresarial, e que tem a função de coletar informações a respeito de um postulante a uma vaga de emprego. Assim, é um dos gêneros utilizados no processo de recrutamento de pessoal das instituições empresariais, fortemente marcado pela assimetria entre os participantes da interação (entrevistador e entrevistado), conforme assinala Adelino (2016).

5 Análise e discussão dos resultados

Na análise empreendida, constatamos a ocorrência de 67 modalizadores deônticos. Esses se subdividem em quatro tipos, a saber: *deôntico de obrigatoriedade*, *deôntico de possibilidade*, *deôntico de proibição* e *deôntico volitivo*. A seguir, mostraremos o

funcionamento de cada um deles, atentando para a orientação argumentativa decorrente do processo interativo entre o entrevistador (L1) e o entrevistado (L2).

5.1 Modalização Deôntica de Obrigatoriedade-MDO

Entre todos os modalizadores deônticos, constatamos 38 ocorrências de deônticos de obrigatoriedade materializadas pelas expressões: *tem que ter*, *é necessário*, *não precisa*, *exigia* e *fica de olho*. Este tipo de modalização envolve algum tipo de controle no ato da entrevista, considerando que, das 38 ocorrências, 23 foram mobilizadas pelos entrevistadores. Conforme discutido anteriormente, essa modalização ocorre quando o locutor manifesta o conteúdo de seu enunciado como algo que deve ocorrer obrigatoriamente, e que o provável interlocutor deve obedecer a esse conteúdo. Ademais, advogamos aqui a orientação argumentativa dos modalizadores deônticos de obrigatoriedade. A partir da análise dos trechos abaixo veremos esse aspecto.

MDO03- EE01- Linhas 21-31

*L1 [...] é... temos um crescimento aí no segmento de mais de oito por cento referente ao ano passado... e quer dizer... perdão... dezoito por cento em relação ao ano passado... nós estamos nós estamos com uma perspectiva muito boa de crescimento de mercado na área Etec de uma forma geral e inclusive em outras relacionadas a parte de diagnóstico... imagens... e isso atinge os nossos alunos... se o aluno técnico em radiologia... se ele não teve... se ele não pagou a disciplina de radiologia veterinária... aí fica difícil dele agir nessa área... espero que a a minha ideia inicial esteja correta em relação a isso aí... porque têm algumas instituições que não têm... inclusive até mesmo aqui no estado... eu vejo que **tem que ter... é necessário...** e é uma das matérias chave aqui do curso... ah... aí eu pergunto ao senhor... é:: o senhor é formado em que?*

No trecho MDO03, L1 constrói uma visão positiva e otimista em relação ao crescimento dos cursos técnicos no mercado. Ele defende que as disciplinas relacionadas à área de diagnóstico e imagem devem ser ofertadas pelo curso de Radiologia, considerando que os alunos precisam desse conhecimento para poder atuar na área de radiologia. Desse modo, L1 constata que *têm algumas instituições que não têm* a disciplina de radiologia veterinária em sua estrutura curricular.

Ao dizer da necessidade dessa disciplina na grade curricular do curso, L1 faz uso de dois modalizadores deônticos de obrigatoriedade, numa tentativa de imprimir maior força ilocucionária ao seu discurso. Primeiramente, L1 usa a expressão **tem que ter** orientando seu dizer no sentido de uma obrigatoriedade. Esse efeito argumentativo, construído na interação entre os locutores, exclui possibilidades de dúvidas.

Na sequência, L1 dá continuidade ao seu argumento reforçando a sua posição ao usar a expressão *é necessário* para dizer que considera *uma das disciplinas chave aqui do curso [...]*. O modalizador em destaque orienta a fala de L1 no sentido de obrigação, de necessidade, de modo que L1 atua fortemente em relação à L2, deixando claro o caráter obrigatório da existência da disciplina de imagem no curso técnico de Radiologia da Unixy.

Retomando a tese ducrotiana, a argumentação reside na própria língua, na orientação que é dada aos recursos linguísticos. No caso em análise, a argumentatividade resulta dos modalizadores deônticos. Por meio desses modalizadores, o falante (L1) direciona argumentativamente o conteúdo do enunciado.

Nesse sentido, cabe a leitura de Castilho e Castilho (2002, p. 201) quando dizem que “[...] há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo etc.”. Logo, a orientação argumentativa do trecho em análise é expressa também pela própria forma e escolha dos elementos linguísticos que compõem o conteúdo da proposição.

Analisemos mais um trecho com modalização deôntica de obrigatoriedade.

MDO13- EE05- Linhas 164-173

*L1 ok... nossa conversa finaliza aqui... até amanhã a gente tá entrevistando ainda... depois que terminarem as entrevistas... a gente vai é:: reunir as informações... quem passou ou quem não no processo de entrevista vai ser informado... e pra os que passarem a gente vai informar TAMbém por e-mail é:: o horário... o dia e horário da prova didática... que é a aula... e também já com o TEMA... então... como você se inscreveu pra mais de uma disciplina... a gente escolhe uma delas... **não precisa** dar aula de cada disciplina não... só uma delas vai ser escolhida pra pra prova didática... e isso a gente vai informar... caso você passe nessa fase...*

Podemos perceber nesse trecho da EE05 que L1 orienta discursivamente L2 no sentido de dar por finalizada a entrevista: *nossa conversa finaliza aqui*. Dessa forma, L1 firma o compromisso de manter contato posteriormente para informar data e horário da prova didática assim como o tema que deverá ser abordado por L2 na respectiva prova.

Nesse desfecho final da entrevista, L1 alerta para a não obrigatoriedade de L2 ministrar aula para todas as disciplinas nas quais apresentou interesse em assumir no curso técnico de Logística. Para isso, faz uso da expressão *não precisa*, que recai sobre o trecho *dar aula de cada disciplina não... só uma delas vai ser escolhida pra pra prova didática...*, que deve ser interpretado como uma ordem expressa diretamente para L2 e este deve cumpri-la.

Em outras palavras, a condição estabelecida por L1 para que L2 possa continuar no processo seletivo é a de que este deverá ministrar a aula referente à prova didática somente para a disciplina escolhida por L1. O conteúdo dessa fala é avaliado – por meio do modalizador deôntico na forma negativa – como sendo uma obrigação que precisa ser cumprida por L2.

Esse efeito argumentativo só é possível, a partir da interação entre os falantes no momento da entrevista, da apreciação de interesses, da avaliação de pontos de vista etc. A própria configuração dos modalizadores depende dessa interação, conforme lembra Neves (2011, p. 158) quando argumenta que a modalização é um “elemento dentro das relações entre falante e ouvinte, suas intenções comunicativas e suas reconstruções de intenções”.

Vejamos mais uma ocorrência com um modalizador deôntico de obrigatoriedade.

MDO27- EE09- Linhas 148-149

<i>L1 então... você fica de olho porque essa semana ainda a gente deve estar entrando em contato pra segunda fase... tá certo? (...)</i>

Nesse trecho, L1 começa o seu enunciado fazendo uma advertência a L2 quanto às próximas fases do processo seletivo. Para isso, L1 usa em seu enunciado a expressão **fica de olho**. O caráter de obrigatoriedade dessa expressão deve ser entendido como uma ordem, ou seja, ela marca a orientação argumentativa de obrigatoriedade do enunciado de L1, sem deixar margem para ressalvas. Ao lançar mão desse modalizador, L1 deixa claro que é da obrigação de L2 verificar os meios de recebimento de informação, como e-mail, para poder saber a data referente à segunda etapa da seleção.

A expressão modalizadora em evidência marca um ponto no discurso em que um dos interlocutores (L2) é convocado pelo outro (L1) a manter determinada postura durante o processo de seleção. Dessa forma, percebe-se na entrevista de seleção de emprego uma relação assimétrica (ESPÍNDOLA, 2004), revelada durante a interação desenvolvida entre os locutores, uma vez que L1 além de escolher os tópicos e conduzir a entrevista, também faz uso desse tipo de modalizador (deôntico de obrigatoriedade) para instruir L2 com relação às próximas etapas do processo seletivo.

Cabe mencionar que, segundo Nascimento (2010, p. 36), “[...] o caráter de obrigatoriedade, proibição ou permissão expresso através da modalização deôntica, no momento da interação, se manifesta de diferentes formas, gerando diferentes efeitos de sentido”. No caso em análise, ressaltamos o efeito argumentativo resultante do uso do

modalizador, ao mesmo tempo em que L1 restabelece sua posição hierárquica de coordenador do processo seletivo. Do ponto de vista argumentativo, essa manifestação se processa linguisticamente através das diferentes estruturas da língua.

5.2 Modalização Deôntica de Proibição-MDP

Os deônticos de proibição representam a menor ocorrência – 02 – no *corpus* e foram proferidos somente pelos entrevistadores (L1) por meio das seguintes formas: “*não existe a possibilidade*” e *não é permitido*. O primeiro modalizador foi empregado para informar que não é possível fazer qualquer alteração no horário de funcionamento da ETEC e o segundo para expressar a proibição da equivalência salarial entre o docente da ETEC e o docente dos demais níveis de atuação da Unixy. Em ambos os casos, percebemos que os discursos dos locutores revelam um caráter de obrigatoriedade, e estão condicionados por traços lexicais específicos ligados ao falante (L1) e este falante exerce mais controle no processo (NEVES, 2011). Em outras palavras, o entrevistador (L1) procura chamar a atenção do entrevistado (L2) para os fatos relatados visando com essa estratégia obter a sua adesão.

Vejamos como esse tipo de modalizador orienta a argumentatividade no gênero entrevista de seleção de emprego:

MDP02- EE13- Linhas 110-112

L1 só na graduação... de acordo com a titulação... pra mestre e doutor... a hora aula é diferenciada... já na escola técnica... não é permitido isso... o valor não altera... ok?

No trecho MDP02, L1 defende a ideia de que a remuneração paga aos professores da escola técnica é diferenciada dos demais níveis da instituição independentemente da titulação do docente. Para isso, L1 modaliza o seu enunciado por meio do deôntico de proibição, posto que considera o fato em questão como algo proibido – *não é permitido* –, visando deixar claro que o docente da escola técnica não se enquadra no mesmo plano de cargos e salários praticado com os professores da graduação e da pós-graduação.

O efeito desse modalizador recai sobre o enunciado *isso... o valor não altera... ok?*, ou seja, não é permitido, logo é proibido pagar ao professor doutor da escola técnica o mesmo valor da hora aula pago ao professor doutor da graduação, assim como da pós-graduação. Essa afirmação é empregada por L1 com a força que lhe confere o modalizador deôntico de

proibição em destaque que, pelo fato de estar expresso sob a forma *não é permitido (que)*, se apresenta de forma atenuada⁵, o que implica um menor grau de tensão à argumentação.

Ao optar por essa forma atenuada, entretanto, o locutor acaba sendo mais eficaz, pois gera uma carga menor de tensão ao discurso, contribuindo assim para amenizar a imposição da autoridade conferida ao entrevistador, levando em conta o próprio papel que ele assume na entrevista – o de coordenador do processo seletivo. Dessa forma, o uso do referido modalizador favoreceu a interação no sentido de quebrar o grau de formalidade e tornar mais suave a continuidade da interação entre os locutores.

Nessa linha de raciocínio, podemos entender que o professor da escola técnica não possui nenhum plano de cargos e salários para valorizar a sua titulação, logo L1 deixa pistas quanto à proibição do fato em tela para que L2 aceite o caráter de obrigatoriedade proferido no enunciado. L1 visa com essa estratégia, portanto, não só informar a L2 que a Unicy não irá remunerá-lo, levando em consideração o fato de ele ser mestre, ou seja, L2 vai receber o mesmo valor da hora aula pago a um professor somente graduado, mas também deseja deixar clara a inexistência de progressão funcional na escola técnica, visando com isso se resguardar ou se prevenir de problemas futuros.

No trecho em questão, portanto, L1 procura construir uma argumentação em torno da remuneração paga pela instituição. Ele coloca como sendo proibido, de acordo com as normas da instituição, o docente da escola técnica receber remuneração igual ao do docente das demais esferas. Essa é a orientação argumentativa enunciada por L1 ao empregar em seu discurso o modalizador deôntico de proibição *não é permitido*.

O modalizador - *não precisa* - apresenta o conteúdo proposicional como uma obrigação gerada em razão das circunstâncias institucionais da Unicy. Esse modalizador foi utilizado por L1 para expressar uma ordem ou dar uma orientação à L2. Funcionamento semelhante ocorre com o modalizador - *não é permitido* - que expressa uma proibição de L1 para com L2 também fundamentada em circunstâncias institucionais. A diferença entre esses dois modalizadores se dá, sobretudo no efeito de sentido que cada um deles gera no enunciado: o primeiro, ordem ou instrução; o segundo, proibição.

Em todo caso, para os objetivos deste trabalho, importa o fato de que ambos os tipos de modalizadores deônticos – de obrigatoriedade e de proibição – são elementos linguísticos mobilizados na construção argumentativa das entrevistas de seleção de emprego. E, do

⁵ Compreendemos que a estrutura *não é permitido (que)*, com base em Nascimento e Silva (2012), é um modalizador deôntico de proibição. No entanto, essa forma confere ao enunciado uma menor tensão do que a forma *é proibido (que)*, por exemplo, em que a proibição ocorre de maneira mais explícita e acentuada.

mesmo modo, em ambos constatamos as marcas subjetivas do locutor expressas no uso da língua.

5.3 Modalização Deôntica de Possibilidade-MDPS

Identificamos 05 ocorrências desse subtipo de modalizador em nosso *corpus*, materializado pelo verbo poder nas formas de: “*posso*”, “*pode*” e “*poder*” e também pela expressão “*nada impede*”. O primeiro é utilizado pelo entrevistado (L2) para pedir autorização para discorrer sobre a sua experiência na área docente. O segundo é empregado pelo entrevistador (L1) para conceder autorização ao entrevistado (L2) para este relatar suas experiências em sala de aula. O terceiro é usado pelo entrevistado (L2) para relatar os domínios considerados importantes na atuação docente. O quarto é utilizado pelo entrevistador (L1) para expressar que não existe a proibição de acesso às outras unidades da instituição.

Como visto anteriormente, a modalização deôntica de possibilidade ocorre quando o locutor responsável pelo enunciado expressa algo facultativo ou dá uma permissão, deixando, muitas vezes, a cargo do interlocutor a escolha em realizar o que lhe é pedido pelo conteúdo do enunciado. Vejamos como funciona esse recurso na construção argumentativa das entrevistas de seleção de emprego:

MDPS01- EE07-Linhas 09-11

<p>L1 <i>you have any experience in the area of teaching?</i> L2 <i>tenho... posso falar um pouco?</i> L1 <i>pode...</i></p>
--

No trecho MDPS01, L1 começa o seu enunciado fazendo um questionamento acerca da experiência docente de L2: *you have any experience in the area of teaching?*. Ao responder à pergunta de forma objetiva, *tenho*, L2 faz uso da forma verbal *posso* para pedir autorização ou permissão a L1 com o intuito de falar sobre o seu percurso profissional. L1, por sua vez, concede a devida permissão fazendo uso também da forma verbal *pode* na sua fala. Em ambos os casos, *posso* e *pode* funcionam como modalizadores deônticos de possibilidade, posto que apresentam o conteúdo da proposição como algo facultativo (NASCIMENTO & SILVA, 2012).

A escolha do modalizador no pedido de permissão por parte de L2 (*posso falar um pouco?*) faz com que L2 seja cauteloso na construção da resposta solicitada por L1. L2 pede permissão a L1 para enunciar, em sinal de respeito à hierarquia estabelecida pelo gênero entrevista de seleção de emprego. É, além disso, uma forma encontrada por L2 de manter a interação aberta com L1.

Em todo caso, o uso que se faz dos recursos linguísticos não é desprovido de intenções. É por meio desses recursos que a interação entre interlocutores se efetiva. Nessa interação, “procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa” (KOCH, 2010, p. 29). Em outros termos, os enunciados proferidos no processo interacional são perpassados por ações, desejos, intenções, ou melhor, sempre estamos querendo persuadir o outro, sendo necessário *atuar* sobre ele por meio da linguagem.

Desse modo, para produzir enunciados com tal força argumentativa os falantes mobilizam os modalizadores. Nessa mesma perspectiva, Koch (2011) entende a modalização como fenômeno pelo qual o falante revela sua atitude perante o enunciado que produz. Além disso, segundo esta autora, as modalidades são motivadas pelo contexto situacional.

Para Koch (2010, p. 29, grifo da autora), os mecanismos linguísticos que marcam a argumentação na língua, mais precisamente os modalizadores, “têm a função de determinar o modo como aquilo que se diz é dito”. Assim, a própria organização estrutural do discurso é projetada a partir das relações de modalidade. É dessas relações que se depreende a importância pragmática dos modalizadores.

MDPS02- EE07- Linhas 40-43

L2 [...] ter disponibilidade de tempo pra tá estudando e repassando e a responsabilidade no que está fazendo... com a entrega de diários... com a pontualidade... assiduidade... né? primeiro ser o exemplo pra **poder** exigir e cobrar do aluno...

O trecho MDPS02 apresenta a resposta de L2 a respeito do questionamento de L1 acerca dos domínios que este considera importante na atuação docente. L2 defende a tese de que a disponibilidade de tempo na dedicação aos estudos, a responsabilidade no fazer docente juntamente com a pontualidade na entrega dos diários representam pontos positivos na prática docente.

Ao apresentar o seu ponto de vista, ele faz uso da expressão modalizadora *pra poder exigir* para dizer que é permitido ao professor exigir e cobrar do aluno, ou seja, o verbo *poder* recai sobre a expressão *exigir e cobrar do aluno...*, e funciona, portanto, como um

modalizador deôntico de possibilidade. Nesse caso, o conteúdo proposicional é expresso como algo que pode acontecer, ou seja, é uma possibilidade.

MDPS03- EE09- Linhas 113-115

[...] L1 e **nada impede**... uma vez... você estando na escola técnica... que você possa acessar a graduação... a pós graduação... desde que seu currículo esteja compatível com as solicitações... você **pode** participar ok? (...)

Nesse trecho da EE09, L1 apresenta uma visão positiva e otimista em relação à valorização dos professores que fazem parte da Unixy. Seguindo nessa linha de argumentação, L1 faz uso do modalizador deôntico de possibilidade, marcado pelo verbo *impedir* precedido do elemento de negação *nada*, para argumentar que não existe nenhuma proibição na Unixy para L2 fazer parte do corpo docente da graduação e da pós-graduação. Assim, L1 enuncia que **nada impede**... uma vez... você estando na escola técnica... que você possa acessar a graduação... a pós graduação...

Aparentemente, é possível perceber que há neste enunciado uma proibição por conta do verbo *impedir*, mas o que de fato ocorre é uma negação da proibição, o que leva à noção de possibilidade deôntica, a qual está materializada através da negação da proibição **nada impede**. Isso fica mais claro ainda quando L1 faz uso do verbo *poder*, na forma de **possa**, no final do enunciado, para argumentar que é permitido ao professor da ETEC assumir outras responsabilidades docentes nos demais níveis da Unixy.

Podemos observar, ainda, que L1 se permite veicular a informação que deseja, sem se responsabilizar por ela, ao dizer que o acesso às outras unidades vai depender das competências e habilidades de L2 [...] *desde que seu currículo esteja compatível com as solicitações... você pode participar ok?*, ou seja, não existe a proibição de acesso às outras unidades da instituição, mas L1 não assume esse compromisso, apenas deixa implícito que isso já aconteceu antes com outros candidatos que entraram pelo edital do PRONATEC.

5.4 Modalização Deôntica Volitiva-MDV

Os modalizadores deônticos volitivos representam no *corpus* o segundo mais recorrente entre os deônticos, com um total de 22 ocorrências. Essa modalização está materializada por expressões como: “*quero que*”, “*gostaria*”, “*vontade*” e “*queria*”. E expressa um desejo ou vontade do locutor e, além disso, funciona em alguns casos como uma

estratégia argumentativo-pragmática que pode ser usada pelo locutor para que este possa, por exemplo, fazer um pedido ou uma solicitação a seu interlocutor. A seguir analisamos esse recurso:

MDV04- EE03-Linhas 63-67

*L1 [...] e LÁ a gente pretende explorar outros horários... mas atualmente é à TARde e é AQUI... por isso eu **quero que** você fale da tua disponibilidade pra gente poder adequar... ajustar... e aí funciona aqui das treze horas as dezessete horas tá?... os horários da escola técnica...*

Nesse trecho da EE03, L1 procura situar L2 acerca da transferência da escola técnica para um novo prédio que fica no Centro da Cidade de Natal e que nas novas instalações pretende expandir os horários de funcionamento. L1 utiliza uma modalização volitiva marcada pela expressão deôntica **quero que**, que deve ser entendida como um pedido, ou melhor, como um desejo expresso. Esse desejo visa saber qual a disponibilidade de tempo de L2 para assumir o cargo de professor na disciplina de Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais, na disciplina de Negociação e Compras ou na disciplina de Logística Internacional na Unixy.

A expressão em destaque emite um caráter instrutivo de L1 para L2 e, ao mesmo tempo, preserva a face de L1 ao expressar uma “ordem” em forma de desejo, deixando a interação menos tensa. Esse tipo de emprego é um exemplo de modalização deôntica volitiva (NASCIMENTO; SILVA, 2012), que se caracteriza por expressar um desejo ou vontade do locutor diante do seu interlocutor.

MDV15- EE13-Linhas 91-93

*L1 [...] Bruna... têm algumas informações que a gente **gostaria** de passar logo nesse primeiro momento da entrevista... pra que o candidato possa avaliar se ele se interessa em continuar no processo...*

Nesse enunciado da EE13, L1 tenta orientar L2 a respeito do funcionamento da escola técnica da Unixy. Ele inicia o seu discurso argumentando que tem algumas informações para repassar para L2 nessa fase do processo seletivo. Ao fazer isso, L1 usa a expressão **gostaria**, que confere um caráter deôntico volitivo ao enunciado, pois expressa um desejo, não uma obrigação, mas uma vontade no sentido de orientar L2 sobre a dinâmica da escola técnica.

Podemos observar que esse emprego deixa o discurso menos tenso e acaba contribuindo positivamente com a interação entre os locutores e, assim, funciona como uma

estratégia argumentativo-pragmática usada para expressar um desejo ou uma vontade e não uma obrigação (NASCIMENTO; SILVA, 2012).

Para Nascimento e Silva (2012), esse tipo de modalizador, além de deixar materializado, no enunciado, a vontade ou desejo do falante, pode funcionar como uma estratégia argumentativa-pragmática através da qual um locutor pode pedir ou solicitar a seu interlocutor que realize algo que deseje.

A expressão “a gente gostaria de” diz respeito à necessidade ou à possibilidade relacionadas ao desejo ou vontade do locutor (L2) seja informado de algo. Nesse tipo de modalização, o conteúdo do enunciado é apresentado como um desejo ou uma vontade, funcionando como uma estratégia argumentativa bastante eficaz, já que preserva tanto a face do locutor como a do interlocutor.

MDV21- EE20-Linhas 40-47

*L2 [...] aí ficou aquele negócio... né? aquela **vontade** da docência... paguei disciplinas no mestrado... tomei de conta de de turmas do meu orientador né?... principalmente no período da tarde e noite... mas aí... faltava eu sozinha ir pra sala de aula... aí... eu fui convidada pela Facitec que é uma faculdade que tem lá no Alecrim no Sagrada Família à noite... pra dá aula de administra... de contabilidade básica no curso de administração... aí... foi só... adorei me senti muito bem a vontade... eu já tinha certeza que eu **queria** (...)*

No trecho MDV21 em tela, L2 faz um relato a respeito da sua experiência profissional e desenvolve o seu argumento no sentido de enfatizar o seu sonho pela docência. Assim, usa a expressão **vontade** para sinalizar o desejo de investir na prática docente, desejo esse que se acendeu a partir do estágio docente realizado durante o mestrado.

Ao concluir o seu argumento em defesa da vontade de seguir a carreira docente, L2 usa uma segunda expressão modalizadora **queria**, que intensifica e reforça a vontade anteriormente sinalizada, qual seja, a de prosseguir carreira como professor. Esse modalizador, portanto, funciona no discurso de L2 como um deôntico volitivo, pois imprime no enunciado um sentimento, que é a vontade do locutor pela docência.

Ao mesmo tempo, esse modalizador orienta a construção argumentativa da fala de L2, construindo uma imagem positiva desse locutor. Vale dizer que a construção de uma imagem positiva, comprometida com a docência, é fundamental para L2, já que ele precisa convencer os entrevistadores de que é competente para assumir a vaga de emprego ofertada pela instituição.

Diante do exposto acerca dos modalizadores deônticos, constatamos que ao mobilizar os deônticos de obrigatoriedade, no qual o locutor expressa uma avaliação sobre o caráter de

obrigatoriedade da proposição, o locutor coloca o conteúdo da proposição como algo que deve ser seguido, não restando ao interlocutor outra alternativa de entendimento, a não ser aquela explicitada no enunciado. Esse tipo de modalizador corrobora a *assimetria* como aspecto característico do gênero entrevista de seleção de emprego, aspecto esse já percebido por Espíndola (2004), ao estudar o gênero entrevista. Essa pesquisadora comenta que o caráter assimétrico da entrevista ocorre em função das relações de poder que marcam a interação entre entrevistador e entrevistado.

Nos trechos em que aparecem os modalizadores deônticos de obrigatoriedade, a intenção do locutor é a de atuar fortemente em relação ao interlocutor, deixando claro, no enunciado, o caráter obrigatório de sua fala. Ao fazer isso, busca direcionar o seu discurso e defender o seu ponto de vista, orientando o interlocutor no sentido de agir em conformidade com as orientações explicitadas pelas expressões modalizadoras. Essa estratégia nos pareceu importante para que o entrevistador (L1) mantivesse a interação com o entrevistado (L2) e ainda contribuiu para a articulação dos argumentos, ajudando a manter a orientação argumentativa do evento social entrevista de seleção de emprego.

Ao mobilizar os deônticos de proibição os discursos dos locutores revelam um caráter de obrigatoriedade. Em outras palavras, o entrevistador (L1) procura chamar a atenção do entrevistado (L2) para os fatos relatados visando, com essa estratégia, obter a sua adesão. Já os deônticos de possibilidade são empregados no gênero quando os locutores têm a necessidade, durante a construção do enunciado, de solicitar ou conceder autorização ou permissão para o interlocutor expressar um determinado argumento.

Por sua vez, os deônticos volitivos são empregados quando os locutores sentem a necessidade de fazer um pedido e/ou expressar um desejo/vontade. Ao empregar essa estratégia, os locutores deixam o discurso menos tenso, e isso nos parece contribuir positivamente com a interação entre entrevistador (L1) e entrevistado (L2) e, portanto, funciona como uma estratégia argumentativo-pragmática, uma vez que tais recursos expressam um desejo ou uma vontade e não uma obrigação.

6 Considerações finais

Neste estudo, analisamos a modalização deôntica na orientação argumentativa de entrevistas de seleção de emprego, gênero este que faz parte do universo empresarial e é utilizado, principalmente, por profissionais da área de Recursos Humanos para aprofundar questões relacionadas às competências e habilidades de candidatos a vaga de emprego, em

processos de recrutamento e seleção de pessoal. Situamos nossa pesquisa nos postulados da Semântica Argumentativa, mais especificamente nos estudos sobre a Modalização Discursiva; articulados com os princípios da Teoria da Argumentação na Língua.

Tendo como objetivo de pesquisa investigar os modalizadores deônticos recorrentes na entrevista de seleção de emprego e o funcionamento argumentativo desses modalizadores, procuramos saber (i) quais recursos linguísticos instauram a modalização deôntica na construção das entrevistas de seleção de emprego; e (ii) como esses modalizadores funcionam estrategicamente na construção argumentativa na interação entre os participantes da entrevista (entrevistador (L1) e entrevistado (L2)).

Na análise empreendida, quanto aos recursos linguísticos, constatamos a ocorrência dos seguintes tipos de modalizadores deônticos: *deôntico de obrigatoriedade*, *deôntico de possibilidade*, *deôntico de proibição* e *deôntico volitivo*. Esses modalizadores se materializam por meio de diversas expressões linguísticas. Eles funcionam na orientação argumentativa das entrevistas de seleção de emprego, considerando que todo processo interação está carregado de valores, intenções, estratégias etc. Assim, os enunciados resultam da troca argumentativa que ocorre entre indivíduos. Essa relação, cabe dizer, deixa suas marcas na trama textual como é o caso dos modalizadores, que são elementos linguísticos instauradores da construção de sentidos entre os locutores.

Ademais, as análises revelaram que, durante o processo interativo aqui considerado, entrevistadores e entrevistados fizeram uso de diversos tipos de marcadores da modalidade para nortear a linha argumentativa adotada. Desse modo, considerando a materialidade desse gênero como um acontecimento em que, por meio de seus enunciados, os locutores constroem pontos de vista, crenças e pensamentos que compõem o ambiente social do qual fazem parte, a inserção de cada modalizador compreende uma orientação discursiva, apresenta nuances axiológicas que variam de acordo com o posicionamento ocupado pelo locutor, orientação essa que compõe a teia discursiva que constitui o gênero entrevista de seleção de emprego.

Os achados da nossa pesquisa, portanto, ajudam a sustentar o postulado de que a argumentação, inerente à língua, mobiliza diferentes recursos semântico-discursivos e que esses recursos variam de um gênero do discurso para outro, dadas as funções de cada um e as esferas nas quais estão inseridos. As análises empreendidas vêm corroborar as conclusões postulas pelo LASPRAT – Laboratório Semântico-Pragmático de Texto da Universidade Federal da Paraíba –, ao qual este estudo se filia.

Referências

- ADELINO, F. J. S. **Na trilha dos modalizadores:** perscrutando os jogos argumentativos no gênero entrevista de seleção de emprego. 2016. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- CERVONI, J. **A Enunciação.** São Paulo: Ática, 1989.
- CASTILHO, A.T.; CASTILHO, C. M. M de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do Português Falado.** 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 199-247.
- DUCROT, O. **Provar e dizer:** linguagem e lógica. São Paulo: Global Editora, 1981.
- _____. **O dizer e o dito.** Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, São Paulo, Pontes, 1987.
- _____. **Polifonia e argumentação:** Conferencia del Seminario Teoria de la Argumentación y Analisis del Discurso. Cali, Universidad del Valle, 1988.
- ESPÍNDOLA, L. C. **A entrevista:** um olhar argumentativo. João Pessoa: EDUFPB, 2004.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. **Argumentação e Linguagem.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LYONS, J. **Semantics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- NASCIMENTO, E. P. do. **Jogando com as vozes do outro:** a polifonia – recurso modalizador – na notícia jornalística. 2005. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.
- _____. **Jogando com as vozes do outro:** argumentação na notícia jornalística. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.
- _____. A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas. **Revista Fórum Linguístico.** Florianópolis, v.7, n.1, jan-jun, 2010, p. 30-45.
- _____.; SILVA, J. M. da. O fenômeno da Modalização. In: NASCIMENTO, E. P. do (Org.). **A redação comercial oficial:** estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2012, p. 63-100.
- NEVES, M. H. de M. **Texto e Gramática.** 3. ed. São Paulo. Contexto, 2011.
- PALMER, F. R. **Mood and modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Data de recebimento: 25 de março de 2017.

Data de aceite: 20 de junho de 2017.